

**UM BREVE OLHAR WINNICOTTIANO SOBRE
A PANDEMIA DE COVID-19**

Daniel Kumpinski¹

RESUMO

Este artigo discute o uso do conceito de *holding* desenvolvido por Donald Winnicott em um contexto ampliado. O objetivo é explicar parcialmente alguns dos fenômenos psicológicos ocorrendo durante a pandemia de COVID-19, especialmente a expressão de pulsões agressivas pela população devido a falha de holding por parte do Estado.

Palavras-chave: *holding*; Winnicott; COVID; pandemia.

ABSTRACT

This article discusses the use of the holding concept developed by Donald Winnicott in an expanded context. The objective is to partially explain some of the collective psychological phenomena occurring in the COVID-19 pandemic, especially the expression of aggressive drives by the population due to the lack of holding by the government.

Keywords: holding; Winnicott; COVID; pandemic.

Recebido em 02/07/2020, aceito em 14/07/2020.

¹ Médico psiquiatra pela UFPel, especialista em psicoterapia de orientação analítica pelo Centro de Estudos Luís Guedes. kumpinski2015@gmail.com

É especialmente no início que as mães são vitalmente importantes, e de fato é tarefa da mãe proteger o seu bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a conhecer. Somente com base numa função desse tipo [o *holding*] pode desenvolver-se a percepção objetiva ou a atitude científica. (WINNICOTT, 1945, p. 228).

Estamos vivendo um período muito confuso no cenário mundial com a pandemia de Covid-19. Não se trata de um problema restrito ao campo de saúde pública. É notório que os desdobramentos secundários da pandemia causaram também impactos econômicos, sociais, políticos, éticos e até mesmo filosóficos. Diante do desencadear de tantos fenômenos e da multidisciplinaridade necessária para se compreendê-los, tornou-se evidente a importância da figura do Estado e das instituições como organizadores e guardiões do ambiente necessário para que se possa debater, planejar e executar o que for necessário para o manejo da saúde pública, explorando da melhor forma possível o nosso potencial e os recursos disponíveis. Também se tornou nítida a vulnerabilidade das pessoas e a necessidade de serem protegidas em múltiplos campos, não somente os relacionados à saúde física. Devido a tanta sobrecarga de informações e fatores externos a serem resolvidos, não é de se estranhar que ocorram impactos no campo psicológico e interpessoal da população. Não estamos lidando apenas com problemas sanitários, mas com uma crise que atinge profundamente a sensação de proteção e a subjetividade humana. É justamente a ampliação da percepção acerca da vulnerabilidade da vida e da necessidade de sua proteção que cria uma atmosfera propícia para que tais questões coletivas sejam observadas com um olhar winnicottiano envolvendo o conceito de *holding*, que originalmente significa não apenas o segurar físico do lactente, mas também a provisão ambiental total. Segundo Bleichmar, Donald Winnicott

(...) foi um dos primeiros autores a hierarquizar o papel da mãe no funcionamento mental da criança. Considerou que ela intervém não apenas como tela para as projeções do bebê, mas também como ativa construtora de seu espaço mental. Ao lhe outorgar um papel

tão importante, sugere que o objeto externo é muito mais do que um modulador das projeções da criança. Ela participa de uma verdadeira unidade com seu filho, ajuda a formar sua mente, fazendo com que esse processo seja bem feito. (...) Para Winnicott, o destino de cada sujeito humano se decide durante os primeiros anos de vida, conforme o resultado do vínculo com a mãe. É o ambiente que deve se adaptar adequadamente à criança para formar seu verdadeiro self. A criança se desenvolve por sua própria potencialidade. Se a mãe se adequa de forma suficientemente boa, não interfere no desenvolvimento da criança. As perturbações surgidas, quando a adaptação não é boa, são sentidas pelo bebê como um ataque à sua pessoa. De todo o modo, não é a mãe que molda completamente a criança; esta tem sua autonomia, fornecida por suas capacidades inatas de desenvolvimento. A mãe assegura o ponto de referência para que o processo continue. Forma um ambiente “neutro”, que é a sustentação do progresso para seu filho. (BLEICHMAR e BLEICHMAR, 1992, p. 246)

Embora os ensinamentos de Winnicott expliquem o desenvolvimento psíquico individual que se dá através da interação da mãe com o bebê, podemos fazer um exercício de imaginação, traçando uma analogia para descrever alguns fenômenos psicológicos coletivos que ocorrem durante uma pandemia. Imaginando o Estado e algumas instituições públicas, privadas e mistas exercendo, em diferentes intensidades, um papel de cuidadores da sociedade, podemos enxergar algumas características maternas que Winnicott descreveu nas interações mãe-bebê. Assim como o exercício do *holding* materno e a satisfação das necessidades provêm ao bebê um ambiente facilitador e fornecem uma espécie de ego auxiliar que contribui para que ele alcance uma imagem integrada de si mesmo e do mundo externo, pode-se apontar fenômeno análogo ocorrendo na interação entre a díade composta por instituições e população.

É claro que não me refiro a *holding* no estrito significado do termo utilizado por Winnicott ao descrever o conjunto de cuidados diretos da mãe com o bebê, mas faço uma

analogia com os cuidados à população que deveriam ser exercidos pelo Estado e outras instituições durante a pandemia. Esses cuidados, se adequadamente planejados, seriam observáveis nas políticas de proteção à saúde física, melhorando a estrutura de atendimento de saúde, fornecendo testes laboratoriais à grande parte da população, estimulando o desenvolvimento de protocolos avançados de manejo da doença; nas estratégias de manutenção das finanças da população, promovendo estratégias de suporte financeiro e fiscal às pessoas físicas e jurídicas impedidas de exercer suas atividades remuneradas; na organização dos ambientes públicos, regulamentando abertura e fechamento de comércio e exercendo adequado controle da livre circulação de pessoas e da produção, distribuição e uso de equipamentos protetores; no controle de pulsões, como a fiscalização de manifestações públicas violentas ou imprudentes aos cuidados sanitários, como o controle de manifestações de ódio pela internet (a exemplo do projeto de lei de combate às *fake news*); e no desenvolvimento de campanhas educativas com o fornecimento de informações técnicas de boa qualidade sobre a doença, sem contradições e sem excessos, proporcionando adequada percepção da realidade por parte da população.

Diante de ameaças externas sem um Estado e instituições que se comportem como uma mãe suficientemente boa, pode ocorrer na população uma regressão parcial a estágios menos maduros de desenvolvimento, comprometendo as funções adquiridas no processo de “realização” descrito por Winnicott. Ao se lidar com uma situação coletiva de ameaça direta à saúde física e à segurança financeira (a qual indiretamente representa, entre outras, a segurança alimentar e habitacional) nos sentimos diante de uma ameaça real à vida que, por sua vez, provoca uma ansiedade de tal intensidade que supera as nossas capacidades previamente adquiridas de lidar com situações semelhantes em caráter individual. A população vivencia coletivamente uma vulnerabilidade comparável à do bebê sem conhecimento ou meios suficientes para se defender sozinho. Nesses momentos, o Estado e as instituições deveriam cumprir funções análogas ao conceito de “preocupação materna primária”, ampliando sua atenção e se adaptando às mudanças nas necessidades materiais e subjetivas da população.

O importante (...) é que a mãe, através de sua identificação com o lactente, sabe como o lactente se sente, de modo que é capaz de

prover quase o que o lactente necessita em termos de holding e provisão do ambiente em geral. Sem tal identificação acho que ela não seria capaz de prover o que o lactente necessita no começo, que é uma *adaptação viva às necessidades do lactente* (WINNICOTT, 1960, p.56).

Quando o Estado e outras instituições não exercem o devido reconhecimento das necessidades da população e não provêm suficientes medidas para proporcionar segurança física, financeira e subjetiva, há uma falha de *holding* que gera consequências no comportamento populacional.

O ser humano, para Winnicott, nasce como um conjunto desorganizado de pulsões, instintos, capacidades perceptivas e motoras que conforme progride o desenvolvimento vão se integrando, até alcançar uma imagem unificada de si e do mundo externo. (...) Simultaneamente a mãe que é agredida e a mãe que cuida vão se aproximando na mente do indivíduo, que assim adquire a capacidade de se preocupar com seu bem-estar, como objeto total” (MOURA, 2008, s/p).

(...) O corolário disso é que agora o bebê assume que sua mãe também tem um interior, que pode ser rico ou pobre, bom ou mau, organizado ou caótico. Portanto, ele está começando a dar importância à mãe, à sua capacidade e a seus estados de espírito. (...) Quando assumimos que o indivíduo está se integrando e se personalizando, tendo tido um bom começo na tarefa de realização, ainda lhe resta uma boa caminhada antes de passar a relacionar-se como pessoa total com uma mãe total, e passar a importar-se com as consequências de seus próprios pensamentos e atos sobre ela. (WINNICOTT, 1945, p. 222 e 230).

Assim como um bebê sem uma mãe suficientemente boa – e com uma consequente falha de *holding* – permanece com pulsões, instintos e capacidades perceptivas desorganizadas, uma população vivendo sob ameaça da pandemia sem um *holding* estatal adequado pode desenvolver sintomas psicológicos semelhantes.

É axiomático nestes temas do cuidado materno do aspecto do holding que, quando as coisas vão bem, o lactente não tem meios de

saber o que está sendo provido adequadamente e o que está prevenido. Por outro lado, é quando as coisas não vão bem que o lactente se torna consciente de reagir a alguma irritação. Como resultado disto, no cuidado materno há a ereção no lactente de uma continuidade de ser que é a base da força do ego; enquanto que o resultado de cada falha no cuidado materno é que a continuidade de ser é interrompida por reações às consequências dessa falha, do que resulta o enfraquecimento do ego. (WINNICOTT, 1960, p.51).

Durante a pandemia, frente a uma ameaça real ou simbólica à segurança, à vida ou a outras necessidades subjetivas primordiais, a ansiedade provocada na população causa uma espécie de regressão coletiva, ocorrendo um comprometimento parcial das capacidades adquiridas no estágio de realização, o que por sua vez compromete a apreciação integrada da realidade e dos outros seres humanos e de suas necessidades. E é justamente esse comprometimento da capacidade de apreciar o outro em sua totalidade que pode explicar grande parte das reações psicológicas da população, manifestadas sob a forma de extremismo e polarização política, visão do outro como ameaça, discursos e pulsões destrutivas de eliminação do outro, estado de desorganização mental com dificuldade de auto percepção de discursos e opiniões contraditórias, diminuição da capacidade de manter a cortesia social, prejuízos na capacidade de confiar no outro, sensação de submissão e incômodo às normas sanitárias de isolamento social, e dificuldade em perceber os limites da onipotência (“o que penso sobre o mundo não é necessariamente como o mundo de fato é”).

Diante da falha nas capacidades de proteção do Estado, a população vivencia subjetivamente uma ameaça à sua existência e procura substituir essa proteção faltante com realidades fantasiadas, em um comportamento análogo à satisfação alucinatória do desejo, o que talvez justifique o surgimento de tantas “teorias da conspiração”. Pode-se pressupor que esse comprometimento da apreciação da realidade também represente um uso excessivo da função transicional, apegando-se às ilusões construídas em detrimento das provas externas de que o mundo nem sempre corresponde às suas próprias ideias; e agredindo pessoas que pensam diferente, como se as agressões não tivessem poder de destruir o objeto, de forma semelhante ao que o bebê faz com o objeto transicional. Frente ao aumento de estímulo (a ameaça à vida provocada pela pandemia) associado a uma

ausência de satisfação (os cuidados por parte do Estado), a população manifesta sua insatisfação através da descarga de pulsões agressivas, assim como o bebê a manifestaria através da descarga motora. Emergem na coletividade sintomas e comportamentos análogos ao do bebê sofrendo com um manejo insuficiente de seus cuidadores. Caberia ao Estado, ao priorizar determinada política de proteção em detrimento de outra, esclarecer à população que reconhece as necessidades de todos, mas que não há meios de contentar a todos até a satisfação plena, devendo-se promover esforços na busca de soluções intermediárias. O Estado, assim como a mãe suficientemente boa, deveria saber atender às necessidades e também frustrar na medida certa para propiciar um adequado senso de realidade (o processo de realização), permitindo à população reconhecer que também existem as necessidades do outro. A mãe suficientemente boa, com sua preocupação materna primária, constrói o ambiente facilitador através do *holding* e da satisfação e frustração dos desejos na medida certa.

Não quero negar que a situação poderia ser observada com ênfase nos conceitos kleinianos de que o ciúme, o narcisismo e a inveja são fatores internos do sujeito que determinam as reações psicológicas à pandemia, relegando as falhas do ambiente externo a um segundo plano. Entretanto, como estamos lidando com uma ameaça de natureza externa e com a clara importância da função do Estado e das instituições atuando como cuidadores, parece apropriado usar o referencial winnicottiano para traçar analogias em nível populacional. Torna-se extremamente importante o entendimento desses fenômenos psicológicos coletivos para que seja dada a devida atenção ao *holding* e aos cuidados com a saúde mental da população em situação de calamidade pública.

A complexidade dos problemas secundários causados pela pandemia se tornou tão grande que se abriu discussão inclusive para questionar os pilares econômicos, sociais e filosóficos sobre os quais a civilização está estruturada, tamanha a dificuldade de planejamento demonstrada diante de um problema para o qual supostamente a humanidade já estaria com conhecimento e estrutura tecnológica suficiente para lidar sem tantas perdas materiais ou de vidas humanas. O problema se tornou tão multidisciplinar que se faz ainda mais necessária a capacidade de enxergar o outro e suas necessidades em sua totalidade. Esse olhar winnicottiano sobre a pandemia abre a percepção acerca da existência de uma possível dissociação entre o amadurecimento tecnológico-científico e o amadurecimento

emocional da civilização contemporânea. O olhar integrado para a realidade e para as necessidades humanas é condição fundamental para o debate sadio e maduro e para a exploração plena de nosso potencial humano na busca de soluções para nosso presente e nosso futuro.

Lançar um olhar do ponto de vista winnicottiano para esses fenômenos também permite, em nível individual, ser mais compreensivo e continente com as descargas de pulsões agressivas das pessoas próximas a nós, diminuindo o impacto de conflitos interpessoais. É fundamental compreender que a exacerbação de tais pulsões pode ser consequência de alguma necessidade primordial, seja ela física ou psicológica, real ou simbólica, que não se encontra adequadamente satisfeita ou que foi suprimida durante o contexto da pandemia. O entendimento desses fenômenos também se torna importante em nível de planejamento de políticas públicas a fim de prevenir as distorções da realidade e as consequentes manifestações de agressividade, sejam elas expressas de forma velada ou através de comportamentos, pensamentos, fantasias, teorias da conspiração e crescimento de ideologias e movimentos extremistas. A tentativa de aplicar alguns conceitos de Winnicott ao contexto atual da pandemia não se faz com a intenção de deturpar ou generalizar a sua aplicação original, mas sim um exercício de imaginação para ampliar a nossa capacidade de pensar, planejar soluções, compreender e tolerar o outro em um momento tão difícil a todos nós.

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, N. M. e BLEICHMAR, C. L. Winnicott Discussão e Comentários. In: _____. *A Psicanálise depois de Freud: Teoria e Clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p.241-249.

MOURA, J. A. de. *Introdução à Teoria de Winnicott*. Psicologado, [S.l.]. (2008). Disponível em <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/introducao-a-teoria-de-winnicott>. Acesso em 28 Jun 2020.

MOURA, J. A. de. *Winnicott - Principais Conceitos*. Psicologado, [S.l.]. (2008). Disponível em <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/winnicott-principais-conceitos>. Acesso em 28 Jun 2020.

WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento Emocional Primitivo (1945). In: _____. Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 218-232.

WINNICOTT, D. W. Teoria do Relacionamento Paterno-infantil (1960). In: _____. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. p.38-54.